



Obituário¹ Roy Bhaskar (1944-2014)

Frédéric Vandenberghe (IESP-UERJ)

Roy Bhaskar, o fundador do realismo crítico, faleceu no dia 19 de novembro de 2014. Nascido de uma mãe inglesa e de um pai indiano, Ram Roy Bhaskar cresceu em Londres e foi para a Universidade de Oxford. Defendeu seu Ph.D. em filosofia, sob a orientação de Rom Harré. Seus manuscritos de seis volumes sobre *Problemas acerca da explanação nas ciências sociais* foram rejeitados pelos/as examinadores/as, não somente porque eram muito extensos, mas também, alegadamente, por não conterem nada de novo. Seu Ph.D tornou-se, no entanto, a base para os três livros subsequentes que iriam revolucionar a filosofia das ciências naturais (*A teoria realista da ciência* 1975), a filosofia das ciências sociais (*A possibilidade do naturalismo, em* 1979) e da teoria crítico-analítica (*Realismo científico e emancipação humana, em* 1986).

A teoria realista da ciência, seu primeiro e mais importante livro, é um clássico e merece ser classificado juntamente com a *Lógica da descoberta científica*, de Popper, com a *Estrutura das revoluções científicas*, de Kuhn, e com o *Novo espírito científico*, de Bachelard. Escrito de forma densa e de difícil prosa, ele trouxe de volta a ontologia. O que importa na ciência são as próprias coisas, suas propriedades causais, e não as teorias e conceitos que nós, humanos/as, usamos para acessar a realidade que não criamos. Aqueles/as que confundem nosso conhecimento e modelos de realidade com a própria realidade cometem a falácia epistêmica. Como Kuhn, eles pensam que a cada mudança de paradigma o mundo também muda. O mundo é o que é. Não é, como se pensava Wittgenstein, a totalidade dos fatos, mas sim a totalidade das coisas complexas, dos processos interativos e das relações estruturais com propriedades causais.

A grande contribuição de Bhaskar para a humanidade é ter demolido a filosofia positivista da ciência, tábua por tábua. Por meio de uma investigação filosófica de experimentos científicos, ele mostrou que o modelo hipotético-dedutivo de Mill, Popper e Hempel é mal concebido. Os/As cientistas não procuram conjunções constantes entre os eventos ('leis de cobertura'), mas eles olham para a existência de mecanismos gerativos que explicam o nexos causal entre os eventos como uma condição necessária. Ao rebaixar o critério empirista, Bhaskar concebe que os mecanismos geradores podem

1 Tradução de Solange Maria de Barros



não ser observáveis, mas isso não os torna não-científicos. Ele cuidadosamente distinguiu o *Real/Potencial*², o *Realizado*³ e o *Empírico* e argumentou que os mecanismos geradores (como campos eletromagnéticos) mesmo sendo reais, podem não ser realizados ou ativos (se outros mecanismos bloqueiam suas operações) ou podem ser realizados, mas não acessados empiricamente (se não há ninguém para observá-los).

Se o positivismo não se sustenta nas ciências naturais, como é possível que as pessoas tenham procurado aplicá-lo no campo das ciências sociais e humanas por tanto tempo? Se os átomos não se comportam de maneira previsível, como se poderia eventualmente pensar que os seres humanos agiriam assim? No seu segundo livro, *A possibilidade do naturalismo*, Bhaskar estendeu sua refutação transcendental do positivismo com uma investigação das condições de possibilidade, não somente das práticas científicas, mas também das práticas sociais, em geral. Ele pescou nas mesmas águas de Giddens, em *As novas regras do método sociológico*, de Habermas, em *A lógica das ciências sociais*, de Gillian Rose, em *Hegel contra a sociologia*, e propôs uma exploração praxeológica dos limites do naturalismo e da hermenêutica. O resultado de sua crítica filosófica das ciências sociais foi uma ontologia social que sistematicamente integrou a concepção relacional de estrutura de Marx, com a teoria das práticas de Wittgenstein. Diferentemente da teoria da estruturação⁴, o Modelo Transformacional da Atividade Social de Bhaskar (TMSA) reconheceu plenamente o fenômeno da emergência e a autonomia relativa das estruturas sociais. Teóricos sociais como William Outhwaite, John Urry, Derek Layder, Ted Benton, Bob Jessop, Andrew Sayer e Margaret Archer reconheceram a importância do argumento de Bhaskar e saudaram o seu livro como um divisor de águas na filosofia das ciências sociais.

Se a *Possibilidade do naturalismo* elaborou uma crítica filosófica das ciências sociais, o *Realismo científico e emancipação humana* lançou uma crítica sociológica às filosofias do positivismo de Winch e Rorty. Inspirado pela crítica da economia política de Marx, Bhaskar desenvolveu uma leitura sintomática das teorias positivistas, analítico-idealistas bem como das teorias pragmáticas da ciência, assim como tantas ideologias prejudicadas pelo déficit filosófico e sociológico. Elas não são apenas incapazes de pensar o mundo independentemente da ciência (antropomorfismo), mas também de pensar a ciência como produto e prática social (fetichismo). Ao subverter as ortodoxias humenianas e weberianas relativas à distinção fato/valor, Bhaskar desenvolveu uma crítica explanatória como também uma crítica hermenêutica de libertação da dominação. Se uma teoria é filosoficamente inadequada, deve-se avançar a investigação para uma crítica das condições sociais que as fazem parecer adequadas.

2 No original, *Real* ou *Potencial*. O termo *potencial* é utilizado por Fairclough (2003a) para explicitar que o domínio da realidade está ligado aos poderes dos objetos sociais *potencialmente* ativados em eventos (N.de T.).

3 A despeito de haver traduções como 'Atual' (Actual), considero essa tradução equivocada, uma vez que não possui o mesmo significado de 'Actual', em inglês. Opto, nesse caso, pelo termo Realizado (N.de T.).

4 De Giddens (N. de T.).



Juntos, os três livros – assim como sua crítica mordaz a Rorty, em a *Filosofia e a Idéia de liberdade* (1991), que, infelizmente, não recebeu a atenção que merecia e que realmente deveria ser republicado sob outro título – forneceram as bases para uma renovação radical da teoria social. O Trabalho de Bhaskar foi tão emocionante e promissor que desencadeou o realismo crítico como um movimento filosófico na vanguarda das ciências sociais e humanas. Com uma investigação de alta qualidade em sociologia e disciplinas afins, ele teve seu apogeu no Reino Unido, no início dos anos 90. Graças aos bons serviços de Phil Gorski, Margarita Mooney, Doug Porpora, Chris Smith e George Steinmetz, a hora para o renascimento realista da teoria social pode agora, finalmente, chegar nos EUA.

Bhaskar nunca escondeu seu radicalismo e abertamente professou sua fidelidade ao marxismo. A virada dialética do realismo crítico não veio como uma verdadeira surpresa. Quando publicou *Dialética: o pulsar da liberdade*, em 1993, muitos simpatizantes (inclusive eu) ficaram desapontados com a impenetrabilidade de sua prosa. Ao desenvolver seu próprio sistema filosófico, sua própria linguagem e seus próprios diagramas N-dimensionais, a lucidez da primeira onda de realismo crítico se perdeu em uma floresta de neologismos. Não obstante as dificuldades inerentes aos sistemas dialéticos interanimados, interligados, autoreflexivos, aloplásticos, e dos conceitos totalizantes, a *Dialética* encontrou seus leitores/as. Graças à dedicação altruísta de Mervyn Hartwig, o Friedrich Engels do realismo crítico foi quem escreveu todas as introduções dos 11 livros de Bhaskar, editou o *Dicionário do realismo crítico* e fundou o *Jornal do Realismo Crítico*, DCR (realismo crítico dialético) promovido e discutido atualmente como um dos grandes trabalhos da filosofia contemporânea.

Como sempre, a dialética é tentada pelo Absoluto. A virada dialética com o do realismo crítico foi logo seguida pela virada espiritual e por um retorno à totalidade. Tendo abraçado o Reiki, Ram percorreu todo o caminho de volta para a Índia. Seguindo a tradição de Buda (a quem ele certa vez descreveu como “um dos maiores sociólogos”), de Shankara e Aurobindo, ele começou a meditar sobre a não-dualidade e expôs a sabedoria de algo maior, mais profundo, divino, um ‘eu’ alético. Na virada do milênio, ele saiu do armário espiritual e desenvolveu a filosofia da meta-Realidade⁵ como um complemento espiritual para o realismo crítico. Sua linguagem tornou-se mais inspiradora e poética, sua filosofia tornou-se mais intuitiva, esotérica e generosa.

Ram Roy Bhaskar foi um homem de muitas vidas e de muitos projetos. Alto, obeso, com longos cabelos negros e camisas coloridas, ele era uma figura bastante marcante que praticou a sério o que pregou. Era uma pessoa generosa, sempre alegre e positiva, nunca amargurado ou sarcástico. Não que sua vida fosse fácil. Ele perdeu todo o seu dinheiro há uma década e, mais tarde, também o pé direito. Apesar de suas dificuldades financeiras e médicas, ele nunca reclamou. Ele também não se considerava um gênio ou um guru. Se as pessoas se envolviam com o realismo crítico, ele se sentia feliz, embora, incansavelmente,

5 Termo utilizado por Bhaskar, com hífen e com uma letra inicial maiúscula apenas na segunda palavra (N. de T.).



tentasse vender o pacote inteiro do realismo crítico (não apenas a primeira onda ou o realismo crítico clássico, mas também o realismo crítico dialético e a filosofia da meta-Realidade) para qualquer pessoa que se aproximasse dele. Bhaskar agora se foi, mas o realismo crítico continua vivo como um poderoso sistema filosófico que desafia certezas empiristas, ortodoxias positivistas e explorações colonial-industrial-capitalistas do eu, do outro, do mundo e do universo.

Frédéric Vandenberghe (IESP-UERJ, Rio de Janeiro)

Graduação em Ciências Sociais e Políticas (RU Gent, Bélgica, 1988), mestrado em Sociologia (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1989) e doutorado em Sociologia (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1994). Professor e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP, o sucessor do IUPERJ) na UERJ. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Sociofilo. Trabalha com Teoria Social, Teoria Sociológica e Filosofia das Ciências Sociais. Membro do conselho de Sociological Theory, European Journal of Social Theory, Revue du MAUSS e Revue canadienne de sociologie. Membro da International Association for Critical Realism (IACR, Londres), Center for Cultural Sociology (CCS, Yale University), Mouvement Anti-Utilitariste en Sciences Sociales (MAUSS, Paris) e Kosmopolis Institute (Utrecht, Holanda). E-mail: Frederic@iesp.uerj.br